

VÂNIA RAQUEL FRANCISCO VALENTE SILVA

**ACEITAÇÃO NO RELACIONAMENTO
CONJUGAL: ESTUDOS PSICOMÉTRICOS INICIAIS
DA VERSÃO PORTUGUESA DO FREQUENCY AND
ACCEPTABILITY OF PARTNER BEHAVIOR
INVENTORY**

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA BÁRBARA NAZARÉ

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2019

VÂNIA RAQUEL FRANCISCO VALENTE DA SILVA

**ACEITAÇÃO NO RELACIONAMENTO
CONJUGAL: ESTUDOS PSICOMÉTRICOS
INICIAIS DA VERSÃO PORTUGUESA DO
FREQUENCY AND ACCEPTABILITY OF
PARTNER BEHAVIOR INVENTORY**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 26 de Junho de 2019 perante o júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 147/2019 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Professora Doutora Ana Prioste

Orientadora: Professora Doutora Bárbara Nazaré

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2019

Agradecimentos

A conclusão desta etapa não teria sido possível sem o apoio de alguns intervenientes. Assim sendo, gostaria de agradecer a todas as pessoas, que de uma forma ou outra, me apoiaram durante todo o meu percurso académico.

À minha orientadora Professora Doutora Bárbara Nazaré, pela disponibilidade nesta etapa e por todo o ensinamento ao longo de todo este percurso.

À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e à Escola de Psicologia e Ciências da Vida, nomeadamente a todos os docentes que contribuíram para a minha formação ao longo da licenciatura e mestrado, por todos os conhecimentos e contributos para o meu crescimento pessoal e profissional.

Às duas pessoas mais importantes da minha vida, a minha mãe e a minha irmã, pelo apoio incondicional, pelo carinho e pela força que me deram desde o princípio desta caminhada.

Aos meus avós, por me terem proporcionado a oportunidade de continuar os meus estudos e concretizar um dos meus grandes sonhos e por terem acreditado em mim.

Um agradecimento especial à Ana Catarina Jarmela e Rita Quaresma, pelo apoio e pela amizade que ficou desde o primeiro dia de aulas de licenciatura, tendo sido muito importantes nesta minha caminhada. Às minhas colegas de mestrado Marta, Natércia, Rafaela pela paciência, apoio e carinho demonstrados ao longo destes dois anos, podendo afirmar que os amigos que fazemos na faculdade se tornam uma família, sendo uma amizade para a vida.

Aos meus companheiros sardoalenses, que desde o primeiro ano de licenciatura que se mantiveram presentes e que me apoiaram nos bons e maus momentos, que sempre me incentivaram a dar o melhor de mim.

Um muito obrigado ainda a todos aqueles que, de alguma forma, colaboraram para que eu chegasse até aqui, de forma direta ou indireta.

A todos, o meu mais sincero obrigada!

Resumo

A aceitação conjugal é definida como um construto adaptativo, tendo por base uma reação não só cognitiva como emocional a um dado evento. Por norma, esta encontra-se relacionada com comportamentos demonstrados pelo parceiro, podendo ser positivos ou negativos (Doss & Christensen, 2006). O presente estudo teve como objetivo iniciar a adaptação do Frequency and Acceptability of Partner's Behavior Inventory (FAPBI) para a população portuguesa. Participaram neste estudo 102 pessoas entre os 19 e os 73 anos, respondendo a um conjunto de instrumentos de autorrelato, nomeadamente um questionário de dados sociodemográficos, a Escala de Ajustamento Diádico – Revista (EAD-R), o Questionário de Estilos Afetivos (QEA) e o FAPBI, através de uma plataforma digital. Os indicadores de fidelidade foram adequados ao nível dos itens e das subescalas de aceitação. O instrumento apresentou validade de construto. As correlações positivas com a EAD-R demonstraram haver validade convergente. A validade divergente foi demonstrada pela inexistência de correlações entre o FAPBI e o QEA. Em relação à comparação de géneros, não houve diferenças estatisticamente significativas na aceitação dos comportamentos do parceiro. As qualidades psicométricas iniciais do FAPBI foram consideradas aceitáveis, apresentando potencial para ser incluído noutras investigações em Portugal.

Palavras-Chave: aceitação conjugal; casais; comportamentos; estudos psicométricos; satisfação conjugal.

Abstract

Marital acceptance is defined as an adaptive construct based on a cognitive or emotional reaction to a event. Normally, it is related to behaviors demonstrated by the partner, which may be positive or negative behaviors (Doss & Christensen, 2006). The aim of this study is to initiate the validation and adaptation of the Frequency and Acceptability of Partner Behavior Inventory (FAPBI) for the Portuguese population. A total of 102 participants aged 19-73 participated in this study, responding to a set of self-report instruments, namely a sociodemographic data questionnaire, the Dyadic Adjustment Scale - Journal (EAD-R), the Affective Styles Questionnaire (QEA) and FAPBI through a digital platform. The alpha value was adequate, not only at the item level but also at the acceptance subscales. The instrument had construct validity. Positive correlations with EAD-R showed convergent validity. The divergent validity was demonstrated by the inexistence of correlations between FAPBI and the EQA. Regarding gender comparison, there were no statistically significant differences in acceptance of partner behaviors. The initial psychometric qualities the acceptance subscales were considered acceptable, presenting potential for future investigations in Portugal.

Keywords: behaviors; couples; marital acceptance; marital satisfaction; psychometric studies

Abreviaturas e Siglas

ASQ - Affective Style Questionnaire

CEDIC - Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica

DAS - Dyadic Adjustment Scale

EAD-R – Escala de Ajustamento Diádico - Revista

FAPBI - Frequency and Acceptability of Partner Behavior Inventory

QEA – Questionário Estilos Afetivos

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

Símbolos

DP – Desvio-Padrão

M – Média

n – Frequência Absoluta

% - Percentagem (Frequência Relativa)

Índice Geral

Resumo	4
Abstract.....	5
Abreviaturas e Siglas	6
Símbolos	6
Introdução	9
Definição de aceitação e relevância	9
Frequência dos comportamentos e relevância	9
Satisfação Conjugal	10
Relação entre Aceitação e Satisfação Conjugal.....	11
Inventário de Frequência e Aceitabilidade dos Comportamentos do Parceiro	12
Objetivo do presente estudo.....	13
Método.....	14
Amostra.....	14
Instrumentos.....	14
Questionário de dados sociodemográficos	14
Inventário da Frequência e Aceitação do Comportamento do Parceiro.....	15
Questionário de Estilos Afetivos (QEA).....	15
Escala de Ajustamento Diádico – Revista.....	16
Procedimentos.....	16
Análise dos dados	17
Resultados.....	18
Validade de Construto	18
Validade Convergente.....	18
Validade Divergente	19
Sensibilidade	19
Fidelidade.....	21
Diferenças entre géneros.....	23
Discussão.....	23
Limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.....	25
Contributos do estudo no âmbito clínico	25
Referências	27
ANEXOS.....	32

Índice de Tabelas

Tabela 1 Correlações entre as subescalas de Aceitação e da Escala de Ajustamento Diádico-Revista	18
Tabela 2 Correlações entre as Subescalas de Aceitação e as Subescalas do Questionário de Estilos Afetivos.....	19
Tabela 3 Estatística Descritiva das Subescalas de Aceitação	20
Tabela 4 Estatística Descritiva dos Itens de Aceitação	20
Tabela 5 Análise da Consistência Interna com o Alfa de Cronbach e Média das correlações inter-item	22
Tabela 6 Consistência Interna dos Fatores Excluindo o Item e Correlação Item-total Corrigida.....	22
Tabela 7 Estatísticas Descritivas e Comparação de Gêneros nas Subescalas de Aceitação	23

Introdução

Definição de aceitação e relevância

A aceitação conjugal é definida por Doss e Christensen (2006) como “uma reação cognitivo-afetiva adaptativa e construtiva tendo por base uma reação a um dado evento, geralmente um comportamento do parceiro” (p.289). Por outras palavras, a aceitação não passa de uma resposta positiva ou negativa a um dado evento, não havendo distinção ao nível do tipo de comportamento apresentado.

Cada vez mais, existe uma preocupação para se determinar os níveis de aceitação de certos comportamentos, tendo em conta que se torna relevante perceber as áreas do relacionamento que o indivíduo acredita que estão ou não a funcionar (Doss & Christensen, 2006). A aceitação por parte de um dos membros do casal tem um efeito mediador, ou seja, está relacionada com o nível da mudança do comportamento do seu parceiro, sendo considerada um dos grandes mecanismos de mudança (Doss, Thum, Sevier, Atkins & Christensen, 2005; Fischer & Fink, 2014; Kappen, Karremans, Burk & Tetik, 2018).

No âmbito da intervenção clínica, a aceitação constitui um componente importante, por exemplo, no âmbito da Terapia Comportamental Integrativa para Casais (IBCT) e da Terapia de Aceitação e Compromisso (CAT). Os investigadores têm mostrado preocupação com o crescente aumento da aceitação de eventos e/ou comportamentos negativos (e.g. crítica por parte do parceiro), pois aquele que experiencia este tipo de comportamento, ao longo do tempo, passa a experienciá-lo com mais tolerância e não com desagrado (Doss & Christensen, 2006).

Deste modo, existe um foco maior na mudança da exibição afetiva do que na resolução do problema em si. Os casais que receberam a IBCT usando o conceito de aceitação demonstraram níveis de melhoria mais elevados na satisfação conjugal (Fisher & Fink, 2014).

Frequência dos comportamentos e relevância

Doss e colaboradores (2005) ressaltaram que cada indivíduo possui mecanismos de mudança, sendo que, quando o casal se encontra em tratamento, se identificam os comportamentos-alvo a alterar. Quando há mudança na frequência desses mesmos comportamentos, verifica-se um aumento da satisfação em ambos os membros do casal (Doss et al., 2005). No entanto, apesar da importância destas conceptualizações, não

existe uma medida válida para avaliar a frequência destes mesmos comportamentos (Doss & Christensen, 2006).

Ao nível dos comportamentos, Doss & Christensen (2006) fazem a distinção entre comportamentos positivos e negativos. Os comportamentos positivos incluem, por exemplo, o afeto verbal, afeto físico, sexualidade, atividades sociais, e o cuidado das crianças. Os comportamentos negativos incluem desonestidade, as adições, os abusos físicos, a falta de entendimento, o “flirting”, a crítica, o controlo e o abuso verbal.

A frequência de comportamentos positivos e/ou negativos no relacionamento é fundamental para determinar a existência de sofrimento entre os parceiros (South, Doss & Christensen 2010). Por vezes, os parceiros usam os comportamentos negativos (por exemplo, o ciúme e o evitamento) por se sentirem menos envolvidos no relacionamento, mostrando-se, desta forma, menos satisfeitos com o parceiro (Goodboy & Bolkan, 2011). Já os parceiros que usam os comportamentos positivos são tidos como indivíduos mais seguros e satisfeitos com o relacionamento, estando isto relacionado com o conforto que têm ao nível da intimidade e proximidade (Goodboy & Bolkan, 2011).

Ao nível da frequência e aceitação dos comportamentos não se verificam, no estudo de Doss e Christensen (2006), diferenças entre os géneros em alguns contextos. Contudo, encontraram-se diferenças significativas (apesar de pequenas) nos fatores de Proximidade e Exigência: nos casais com e sem filhos, os homens relataram que o/as parceiro/as apresentaram mais comportamentos de proximidade, achando que este comportamento era mais aceitável para estes do que para as mulheres; as mulheres apresentavam mais comportamentos de Exigência do que os homens (Doss & Christensen, 2006). Em casais casados ou a coabitar (com e sem filhos), os homens tendem a ser mais tolerantes que as mulheres, sendo que, em casais de namorados, as mulheres tendem a aceitar mais do que os homens (Doss & Christensen, 2006). Não se sabe se as diferenças ao nível da aceitação entre géneros podem ser um reflexo das diferenças ao nível da frequência dos comportamentos.

Satisfação Conjugal

As relações românticas estão entre as estruturas sociais mais fundamentais às sociedades contemporâneas (Jamieson, 1998). Uma das formas de avaliar as relações românticas é através da satisfação conjugal. A satisfação conjugal resulta de uma avaliação subjetiva e pessoal da relação, que é realizada por ambos os parceiros (Narciso,

2002; Narciso & Ribeiro, 2009). Segundo Stone e Schakelford (2007), a satisfação conjugal é um estado mental que reflete os benefícios e custos percebidos da relação para um indivíduo. Quanto mais custos a relação tiver para o sujeito, menos satisfeito se vai sentir com a relação e com o seu companheiro(a). Igualmente, quanto maiores forem os benefícios percebidos, mais satisfeito o indivíduo se vai sentir, tanto com a relação como com o seu companheiro(a).

Entre os comportamentos positivos apresentados por Doss & Christensen (2006), encontram-se o tempo gasto juntos e atividades sociais partilhadas, que foram referidos por Johnson e Anderson (2012) como preditores de satisfação conjugal, pois quando existe a partilha de tempo entre o casal, os elementos acabam por apresentar um sentimento de recompensa (Azevedo, 2018).

Contudo, sabe-se que existe oscilação ao nível da satisfação, pois os casais apresentam alturas de maior e menor satisfação com a relação. Por exemplo, quando os membros do casal apresentam mais comportamentos positivos num dado momento, acaba por haver uma maior satisfação conjugal, porque acaba por haver uma maior congruência ao nível dos papéis que cada membro representa na relação (Afonso, 2018; Azevedo, 2018). Assim, quando existem momentos de menor satisfação com a relação, ambos os membros do casal tendem a avaliar o seu parceiro e o seu relacionamento consoante aquilo que estão a sentir no momento (Doss & Christensen, 2006; Vedes, Lind & Lourenço, 2018).

Relação entre Aceitação e Satisfação Conjugal

Quase todos os estudos anteriormente revistos demonstram uma ligação entre aceitação conjugal e satisfação conjugal, sendo que South et al. (2010) afirmaram que a satisfação e a aceitação conjugal estão relacionadas entre si, mesmo sendo dois conceitos distintos. Isto acontece, pois, quanto mais os membros do casal aceitarem o comportamento do parceiro e a frequência com que esses comportamentos ocorrem, mais satisfeitos estarão com o parceiro e com a relação no geral.

Assim, a satisfação e aceitação são semelhantes, pois ambas implicam avaliações cognitivas e afetivas do relacionamento. Estas avaliações cognitivas que se mantêm sobre o parceiro ou sobre a relação associam-se ao desenvolvimento e à qualidade do relacionamento, o que faz com que a aceitação de comportamentos negativos prejudique o relacionamento e a intimidade (Johnson & Anderson, 2012).

Hsueh, Morrison e Doss (2009) desenvolveram um estudo com casais coabitantes e descobriram que existem riscos comportamentais (e.g. violência, separação, desentendimento) que causam níveis de stresse mais elevados nos casais e que estão ligados com a satisfação e aceitação dos comportamentos. Quando estes casais apresentam mais comportamentos negativos do que positivos e existe um menor nível de aceitação, estes passam a experienciar um relacionamento mais destrutivo (South et al, 2010).

Estudos indicam que a satisfação conjugal é um dos fatores preditores na melhoria, mudança e aceitação dos comportamentos, assim como a terapia conjugal é importante para a ocorrência desses mesmos comportamentos, ou seja, a diminuição dos comportamentos negativos em função do aumento dos comportamentos positivos (Johnson & Anderson, 2012).

Kashdan et al. (2017) relataram que existe um reconhecimento e apreciação dos comportamentos positivos de cada membro do casal, e efeitos relacionados a esse mesmo reconhecimento, que influenciam a qualidade do relacionamento, assim como passa a existir um aumento da satisfação com a relação e, por conseguinte, uma maior aceitação e maior existência de comportamentos positivos (Kashdan, Blalock, Young, Machell, Monfort, McKnight, & Ferssizidis, 2017).

Inventário de Frequência e Aceitabilidade dos Comportamentos do Parceiro

O Frequency and Acceptability of Partner Behavior Inventory (FAPBI) foi construído e desenvolvido por Christensen e Jacobson em 1997, não só por ser uma área da terapia comportamental integrativa, mas também porque na altura não havia um instrumento que ajudasse a compreender o funcionamento da aceitação de certos comportamentos do parceiro (Doss & Christensen, 2006).

Na fase inicial, vários peritos com experiência clínica com casais em terapia conjugal/familiar avaliaram os comportamentos mais relevantes (Doss & Christensen, 2006). Em segundo lugar, focaram-se em áreas funcionais importantes do comportamento positivo ou negativo (Doss & Christensen, 2006). Posteriormente, foram adicionados exemplos específicos do comportamento a cada item para esclarecer a intenção e o alcance de cada área funcional. Após gerar vários domínios, os itens foram combinados ou rejeitados até que 24 itens foram seleccionados para serem incluídos na FAPBI (Doss & Christensen, 2006).

Doss e Christensen (2006) realizaram em primeiro lugar uma análise exploratória da escala de aceitação¹, onde encontraram quatro fatores que estariam correlacionados: Afeto com três itens (afeto verbal, afeto físico, atividade sexual), Proximidade com oito itens (tempo juntos, decisões financeiras, cuidado das crianças, atividades sociais, suporte, problemas discutidos, trabalho de casa), Violação com seis itens (traições, desonestidade, comportamento aditivo, abuso físico, invasão de privacidade, quebra de acordos) e Exigência com três itens (críticas, abuso verbal e controlo). Em segundo lugar, realizaram uma análise confirmatória, em que a estrutura fatorial encontrada se revelou adequada. Em seguida, verificaram a relação dos fatores com os três grupos de casais heterossexuais para cada género e a amostra de casais homossexuais coabitantes, sendo que não existiu variação ao nível destes últimos. Em relação à consistência interna, o instrumento apresentou valores aceitáveis ao nível das quatro subescalas de aceitação, tendo em conta o número reduzido de itens em muitos dos fatores, apesar de que o alfa do fator violação foi mais baixo na amostra de casais heterossexuais (Afeto – pais $\alpha = 0.82$, namorados $\alpha = 0.74$; Proximidade – pais $\alpha = 0.87$, namorados $\alpha = 0.85$; Exigência – pais $\alpha = 0.76$, sem filhos $\alpha = 0.79$; Violação – pais $\alpha = 0.63$, namorados $\alpha = 0.62$). Na escala de frequência, esta mostrou-se consistente com a escala de aceitação, apesar dos diferentes itens, e tal como na primeira, o fator violação encontra-se mais baixo que o desejado (Afeto – pais $\alpha = 0.78$, namorados $\alpha = 0.78$; Proximidade – pais $\alpha = 0.80$, namorados $\alpha = 0.77$; Exigência – pais $\alpha = 0.79$, namorados $\alpha = 0.78$; Violação – pais $\alpha = 0.63$, namorados $\alpha = 0.69$). Por último, como validade de critério foi correlacionado as subescalas da FAPBI com a DAS-7, em que ambas as subescalas (aceitação e frequência) se encontravam correlacionadas moderadamente com a DAS-7.

O inventário apresenta ainda itens que não se aplicam a todos os tipos de relações, nomeadamente a educação dos filhos, que por exemplo não se aplica a casais que não tenham filhos. Os itens que correspondem às decisões financeiras e tarefas domésticas também não são aplicáveis a indivíduos que namorem.

Objetivo do presente estudo

O presente estudo teve como objetivo adaptar e explorar o comportamento psicométrico do FAPBI na população portuguesa. A necessidade de adaptação deste

¹ Os autores usaram apenas 421 participantes do sexo masculino e 751 participantes do género feminino.

instrumento prende-se com o facto de, em Portugal, esta ainda não ter sido feita e contribuir para o enriquecimento da literatura na área, através da avaliação da aceitação de comportamentos, positivos e negativos, nos casais portugueses. Pretendemos, com o presente estudo, (1) traduzir e adaptar o FAPBI para português de Portugal; (2) analisar as propriedades psicométricas do FAPBI, através de análises da validade de construto, validade convergente e divergente, sensibilidade e fidelidade; (3) comparar homens e mulheres ao nível da aceitação de comportamentos positivos e/ou comportamentos negativos.

Método

Amostra

A amostra foi constituída por 102 participantes, com idades compreendidas entre os 19 e os 73 anos ($M = 31,51$; $DP = 10,07$), 75 (73,5%) do género feminino e 27 (26,5%) do género masculino. Ao nível do estado civil, 46,1% era solteiro ($n = 47$), 52,9% era casado/união de facto ($n = 54$), 1% era separado/divorciado ($n = 1$). Em relação à escolaridade, variou entre os 5 e os 25 anos de escolaridade ($M = 14,28$; $DP = 3,39$).

Ao nível da situação profissional, 19,6% eram estudantes ($n = 20$), 11,8% eram trabalhadores estudantes ($n = 12$), 61,8% trabalhadores ($n = 63$), 5,9% ($n = 6$) eram desempregados e 1% era reformado ($n = 1$). Ao nível da orientação sexual, 94,1% era heterossexual ($n = 96$), 3,9% era homossexual ($n = 4$), 2% era bissexual ($n = 2$). Em relação ao número de filhos, 42,2% não tinham filhos ($n = 43$), 37,3% têm filhos ($n = 38$), maioritariamente com o companheiro atual ($n = 33$), sendo que 20,6% não respondeu ($n = 21$).

Relativamente à duração da relação, esta variou entre os 0 e os 38 anos de relacionamento ($M = 7,70$; $DP = 7,78$). 67,2% ($n = 70$) dos participantes coabitavam com o companheiro.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos

Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico que integrava questões como idade, género, nacionalidade, nível de escolaridade, duração da relação, orientação sexual, número de filhos, distrito de residência e situação profissional.

Inventário da Frequência e Aceitação do Comportamento do Parceiro

Os respondentes devem começar por indicar a frequência do comportamento do parceiro durante o último mês, (esta informação não foi utilizada nas análises do presente estudo, devido aos valores de amplitude serem muito elevados). Posteriormente, é-lhes pedido para avaliar “quão aceitável é, para si, que o comportamento tenha ocorrido com esta frequência?”. Os participantes avaliam a aceitabilidade da frequência desse mesmo comportamento numa escala de 10 pontos, variando de 0 (*Completamente inaceitável*) até 9 (*Completamente aceitável*; Doss & Christensen, 2006).

O inventário original de 20 itens comporta o mesmo número de comportamentos positivos e negativos para garantir uma representação equilibrada dos itens. Os itens relativos aos comportamentos positivos do inventário são apresentados em primeiro lugar, seguidos dos itens relativos aos comportamentos negativos (Doss & Christensen, 2006). Mais tarde, os autores incluíram mais um item na subescala de Exigência, aumentando o inventário para 21 itens.

Questionário de Estilos Afetivos (QEA)

Este instrumento foi desenvolvido por Hofmann e Kashdan (2010) com o objetivo de medir os estilos afetivos de ocultação, ajuste e tolerância. O QEA é uma medida de autorrelato constituída por 20 itens pontuados numa escala de Likert de 5 pontos, variando de 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 5 (*Extremamente verdadeiro para mim*). As pontuações são somadas e as mais elevadas demonstram uma preferência por um estilo afetivo. Na versão original, o instrumento identifica três fatores: Ocultar, Ajustar e Tolerar.

Os valores de consistência interna das subescalas do QEA na versão original foram .84 para Ocultar, .80 para Ajustar e .66 para Tolerar, sendo valores aceitáveis (Hofmann & Kashdan, 2010). A versão portuguesa deste instrumento encontra-se em validação. No âmbito deste estudo, o QEA foi utilizado para avaliar a validade divergente do FAPBI. Nesta amostra, o fator Ocultar apresentou um valor de consistência interna muito bom (homens $\alpha=.86$; mulheres $\alpha=.83$), o fator Ajustar apresenta um valor respeitável (homens $\alpha=.75$; mulheres $\alpha=.77$) e o fator Tolerar apresenta um valor respeitável para os homens ($\alpha=.72$); contudo, para as mulheres o valor torna-se inaceitável ($\alpha=.46$). Dado que a amostra foi maioritariamente constituída por mulheres, não se considerou esta subescala na análise de validade divergente.

Escala de Ajustamento Diádico – Revista

(Versão Original: Busby, Christensen, Crane & Larson, 1995; Versão portuguesa: Pereira, Narciso & Canavarro, 2009):

A Escala de Ajustamento Diádico – Revista é uma escala de autorrelato muito usada para avaliar o ajustamento diádico (Pereira, Moura-Ramos, Narciso, & Canavarro, 2017). Engloba 14 itens, avaliados numa escala de Likert de 5 e/ou 6 pontos, e mostra-se adequada para ambos os géneros (Pereira et al., 2017).

A escala engloba três fatores: Consenso, Coesão e Satisfação (Pereira et al., 2017). A Coesão é uma subescala com quatro itens (sendo que três vão de 0= *Nunca* a 5= *Frequentemente* e 0= *Nunca* a 4= *Todos os dias*) que mede a frequência de certas atividades e conversas (Pereira et al., 2017). A Satisfação é uma subescala com quatro itens (0= *Sempre* a 5= *Nunca*), que mede a regulação de conflitos e a estabilidade (Pereira et al., 2017). O Consenso é a última subescala, que é composta por seis itens (5= *Sempre de acordo* a 0= *Sempre em Desacordo*), e que mede a tomada de decisão, valores e afeto (Pereira et al., 2017).

Os resultados variam entre 0 e 69, em que níveis mais altos correspondem a uma maior satisfação conjugal e níveis mais baixos correspondem a um maior *distress* no relacionamento (Pereira et al., 2017).

Em relação à fidelidade do questionário adaptado à população portuguesa, este mostrou-se fiável, apresentando no fator Consenso um valor muito bom (homens $\alpha = 0.83$; mulheres $\alpha = 0.84$), no fator Satisfação um valor muito bom (homens $\alpha = 0.86$; mulheres $\alpha = 0.85$) e no fator Coesão um valor respeitável (homens $\alpha = 0.77$; mulheres $\alpha = 0.77$). Este instrumento é usado neste estudo para avaliar a validade convergente do FAPBI. Nesta amostra, os valores de consistência interna foram: respeitáveis para o fator Consenso (homens $\alpha = .80$; mulheres $\alpha = .77$) respeitáveis para o fator Satisfação (homens $\alpha = .74$; mulheres $\alpha = .76$) e minimamente aceitável para o fator Coesão (homens $\alpha = .63$; mulheres $\alpha = .69$).

Procedimentos

Tendo em conta o Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OOP, 2011) acerca dos princípios a ter em consideração na investigação, em primeiro lugar, o projeto desta investigação foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Trata-se de um estudo quantitativo, transversal e não-experimental.

Após aprovação do estudo pela CEDIC, foi pedida autorização aos autores do instrumento para se traduzir e adaptar o questionário para a população portuguesa. De seguida, foi realizada a sua tradução, que passou por três etapas, segundo Hill & Hill (2002): a primeira etapa corresponde à tradução da escala para português, tendo sido traduzida por duas pessoas; na segunda etapa, uma terceira pessoa retraduziu a escala para inglês; a terceira etapa corresponde à comparação das escalas (escala traduzida em português e a versão original), de modo a evitar erros na tradução, para que não compromettesse o uso do instrumento.

Na fase de recolha de amostra, foi disponibilizada aos participantes toda a informação necessária para poderem decidir acerca da sua participação no estudo, nomeadamente informação sobre o objetivo do estudo, as suas características e que a sua participação seria voluntária e anónima, através de um documento de consentimento informado. Os critérios de inclusão foram: ter mais de 18 anos, ser português e estar numa relação. De um total de 105 participantes, foram excluídos três: dois não tinham nacionalidade portuguesa e um não se encontrava numa relação amorosa.

Os dados foram recolhidos através de uma plataforma digital, no website www.typeform.com, onde se disponibilizava o protocolo de avaliação. O respetivo link foi divulgado por email e nas redes sociais. Através do recurso a esta estratégia pretendeu-se diversificar a amostra, integrando indivíduos de várias zonas do país.

Análise dos dados

Posteriormente à recolha dos dados, procedeu-se à sua codificação e processamento, recorrendo ao programa de estatística Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 25. Em todos os procedimentos estatísticos, foi estabelecido um nível de significância de 5% ($p < .05$).

A validade de Construto, validade convergente e divergente foram calculadas através das correlações do coeficiente de correlação de Pearson (Maroco,2003). Foi calculada ainda a sensibilidade do instrumento com a análise da normalidade de Kolmogorov-Smirnov e estatísticas descritivas, fidelidade através da análise de consistência interna através do alfa de Cronbach (Coutinho,2016) e, por fim, para a comparação de géneros usou-se o teste não - paramétrico de U de Mann-Whitney.

Inicialmente, pensou-se em explorar a estrutura fatorial do instrumento, através da análise de componentes principais, tal como no estudo original, mas, devido ao número reduzido de participantes, não foi possível. Assim, considerou-se a estrutura de quatro fatores do estudo original.

Resultados

Validade de Construto

Dadas as correlações positivas entre as subescalas de Aceitação da FAPBI (Tabela 1), o instrumento apresenta validade de construto, pois mede o que se propõe medir (Coutinho, 2016).

Validade Convergente

Para a validade convergente, recorreu-se à análise de correlação com uma medida que se encontra relacionada com o construto: a EAD-R. No estudo original, os autores usaram a DAS-7, e aqui é utilizada a adaptação com 14 itens.

A Tabela 1 demonstra que o fator Consenso se correlaciona positiva e significativamente com todas as subescalas de aceitação. O fator Satisfação apresentou correlação positiva e significativa com os fatores Afeto, Proximidade (efeito grande) e Exigência (efeito médio). O fator Coesão apresentou correlações positivas e significativas com os fatores Afeto e Proximidade (efeito médio). A escala total apresentou correlações com os fatores Afeto, Proximidade (efeito grande) e Exigência (efeito pequeno).

Tabela 1
Correlações entre as subescalas de Aceitação e da Escala de Ajustamento Diádico-Revista

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8
1.Afeto	-							
2.Proximidade	.75**	-						
3.Exigência	.26**	.33**	-					
4.Violação	.17	.22*	.84**	-				
5.Consenso	.58**	.58**	.32**	.21*	-			
6.Satisfação	.68**	.65**	.31**	.17	.69**	-		
7.Coesão	.48**	.44**	.04	-.01	.44**	.43**	-	

8.Total_EAD_R	.69**	.67**	.26**	.14	.87**	.82**	.77**	-
----------------------	-------	-------	-------	-----	-------	-------	-------	---

Nota. ** $p < .01$; * $p < .05$

Validade Divergente

Para a validade divergente, recorreu-se à análise de correlação entre a FABPI e o QEA, para perceber se estes avaliam construtos diferentes.

Na Tabela 2, verifica-se que não existe correlação entre as duas medidas, demonstrando avaliar construtos diferentes.

Tabela 2
Correlações entre as Subescalas de Aceitação e as Subescalas do Questionário de Estilos Afetivos

Variáveis	Afeto	Proximidade	Exigência	Violação	1	2
1. Ocultar	-.02	-.04	-.10	-.03	-	
2.Ajustar	.11	.04	.04	-.10	.26**	-

Nota. ** $p < .01$; * $p < .05$.

Sensibilidade

Para verificar os pressupostos de normalidade, analisou-se a distribuição das quatro subescalas de aceitação. Os resultados do teste de Kolmogorov-Smirnov revelaram-se significativos para os quatro fatores de aceitação (afeto: $k-s = .196$, $p < 0.001$; proximidade: $k-s = .148$, $p < 0.001$; exigência: $k-s = .173$, $p < 0.001$; violação: $k-s = .259$, $p < 0.001$), demonstrando haver violação dos pressupostos da normalidade. A análise da assimetria e curtose (Tabela 3) mostrou a existência de uma assimetria à esquerda ou enviesamento negativo em todos os fatores; nos fatores Afeto e Proximidade existe uma distribuição leptocúrtica, sendo que o fator Exigência e Violação apresentam uma distribuição platocúrtica (Maroco, 2003).

Tabela 3

Estatística Descritiva das Subescalas de Aceitação

	M (DP)	Assimetria	Curtose	Min-Max	Efeito Chão (%)	Efeito Teto (%)
Afeto	7,24 (2,06)	-1,18	0,59	1-9	0	34,3
Proximidade	7,00 (1,91)	-1,19	1,23	1-9	0	15,7
Exigência	5,71 (3,08)	-0,55	-1,13	0-9	5,9	20,6
Violação	6,30 (3,29)	-0,93	-0,78	0-9	7,8	30,4

Ao nível dos pressupostos de normalidade dos itens de aceitação, segundo o teste de Kolmogorov-Smirnov, todos os itens violam o pressuposto da normalidade. A análise da assimetria e curtose (Tabela 4) demonstrou que os itens são assimétricos à esquerda e a maioria dos itens tem uma tendência para a distribuição platocúrtica. Contudo, os itens 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10 e 11 apresentam uma distribuição leptocúrtica (Maroco, 2003).

Tabela 4

Estatística Descritiva dos Itens de Aceitação

	K-S (p)	M (DP)	Assimetria	Curtose	Min-Max	Efeito Chão (%)	Efeito Teto (%)
1	0,29 (.000)	7,83 (2,02)	-2,15	4,58	0-9	2	60,8
2	0,24 (.000)	7,17 (2,51)	-1,40	1,01	0-9	2,9	48
3	0,21 (.000)	6,23 (3,15)	-0,90	-0,53	0-9	11,8	38,2
4	0,24 (.000)	6,05 (3,53)	-0,87	-0,87	0-9	12,7	24,5
5	0,24 (.000)	7,42 (2,31)	-1,68	2,25	0-9	2,9	51
6	0,20 (.000)	6,72 (2,71)	-1,07	-0,02	0-9	3,9	39,2
7	0,27 (.000)	7,34 (2,54)	-1,57	1,52	0-9	3,9	55,9
8	0,19 (.000)	6,96 (2,54)	-1,30	0,96	0-9	4,9	43,1

9	0,24 (.000)	7,14 (2,51)	-1,28	0,68	0-9	2,9	50
10	0,22 (.000)	6,94 (2,72)	-1,32	0,71	0-9	5,9	46,1
11	0,28 (.000)	7,44 (2,73)	-1,93	2,53	0-9	8,8	59,8
12	0,18 (.000)	5,63 (3,29)	-0,47	-1,20	0-9	12,7	36,3
13	0,29 (.000)	6,13 (3,86)	-0,80	-1,21	0-9	22,5	55,9
14	0,36 (.000)	6,65 (3,70)	-1,11	-0,63	0-9	19,6	64,7
15	0,25 (.000)	5,75 (3,52)	-0,54	-1,33	0-9	15,7	42,2
16	0,33 (.000)	5,65 (4,04)	-0,50	-1,67	0-9	23,5	52,9
17	0,41 (.000)	6,54 (3,94)	-1,05	-0,87	0-9	25,5	67,6
18	0,33 (.000)	5,97 (3,88)	-0,65	-1,44	0-9	20,6	56,9
19	0,37 (.000)	6,40 (3,86)	-0,94	-1,04	0-9	21,6	62,7
20	0,31 (.000)	6,35 (3,71)	-0,93	-0,93	0-9	20,6	57,8
21	0,17 (.000)	5,58 (3,33)	-0,51	-1,17	0-9	15,7	32,4

Fidelidade

A fidelidade é a correlação entre os vários itens que constituem a medida em estudo (Coutinho, 2016). Relativamente aos fatores, os valores de consistência interna mostraram-se adequados (ver Tabela 5), sendo que no fator Proximidade foram eliminados os itens 3, 4 e 11 devido a serem itens que não se aplicam a certos tipos de relação. O fator Violação apresentou um valor que, segundo os critérios de Devellis (Maroco & Garcia, 2006) e Nunnally (1978), sugere a redução da escala. Os valores da média inter-item sugerem redundância (deveriam variar entre 0,20 e 0,40).

Tabela 5

Análise da Consistência Interna com o Alfa de Cronbach e Média das correlações inter-item

	Alfa de Cronbach	Média das correlações inter-item
Afeto	.80	.58
Proximidade	.85	.53
Exigência	.86	.61
Violação	.94	.71

No geral, pode afirmar-se que os itens apresentam indicadores de fidelidade adequados (ver Tabela 6), representado assim adequadamente o construto pretendido (Kline, 2000).

Tabela 6

Consistência Interna dos Fatores Excluindo o Item e Correlação Item-total Corrigida

Item	Alfa de Cronbach excluindo o item	Correlação item-total corrigida
Afeto		
1	.75	.63
2	.65	.71
6	.76	.62
Proximidade		
5	.82	.66
7	.79	.76
8	.83	.59
9	.83	.62
10	.82	.66
Exigência		
12	.86	.63
16	.81	.75
18	.78	.81
21	.84	.68
Violação		
13	.93	.81

14	.93	.81
15	.94	.70
17	.92	.89
19	.92	.85
20	.92	.82

Diferenças entre géneros

Em primeiro lugar, foi testada a normalidade das subescalas de aceitação por sexo, para identificar o teste (paramétrico ou não paramétrico) a utilizar (Maroco, 2003). Com base no teste de Kolmogorov-Smirnov para a amostra de mulheres (Afeto: k-s= .192, $p < 0.001$; Proximidade: k-s= .146, $p < 0.001$; Exigência: k-s= .189, $p < 0.001$; Violação: k-s= .261, $p < 0.001$) e o Shapiro-Wilk para a amostra de homens, devido a esta ser < 50 (Afeto: s-w= .771, $p < 0.001$; Proximidade: s-w= .837, $p = 0.001$; Exigência: s-w= .860, $p = 0.002$; Violação: s-w = .770, $p < 0.001$), não estão cumpridos os pressupostos de normalidade, tendo-se optado pelo teste não-paramétrico de U de Mann-Whitney (Maroco, 2003; Coutinho, 2016).

Verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres ao nível da aceitação (ver Tabela 7).

Tabela 7
Estatísticas Descritivas e Comparação de Géneros nas Subescalas de Aceitação

	Masculino	Feminino	U	P
	(n= 27)	(n= 75)		
Variável	M (DP)	M (DP)		
Afeto	7,49 (1,85)	7,15 (2,13)	944,00	0,60
Proximidade	7,61 (1,45)	6,78 (2,02)	769,00	0,06
Exigência	5,46 (3,33)	5,79 (3,00)	1010,00	0,98
Violação	5,63 (3,74)	6,54 (3,10)	966,50	0,72

Discussão

Há necessidade de validar instrumentos que ajudem a avaliar e identificar os pontos problemáticos da relação conjugal em que se deve intervir. As propriedades psicométricas da FAPBI foram, assim, testadas neste estudo e comparadas apenas com o estudo original, pois desconhece-se a existência de outros estudos psicométricos do instrumento.

Quanto à validade de construto, o instrumento mede o construto teórico esperado, indo ao encontro dos resultados dos autores da versão original (Doss e Christensen, 2006). Na análise de validade convergente, verificou-se que quanto maior o nível de aceitação, maior o nível de satisfação, o que corrobora o estudo original, em que as subescalas Afeto e Proximidade se encontraram correlacionadas com a escala de satisfação e subescalas. Diversos estudos mostram uma associação entre aceitação conjugal e satisfação (Doss et al., 2005; Doss & Christensen, 2006; Hsueh, Morrison e Doss, 2009; Johnson e Anderson, 2012; South et al., 2010; Tetik et al., 2017). Contudo, o fator Exigência não apresentou associação com o fator Coesão e o fator Violação mostrou uma associação de efeito pequeno com o fator Consenso, sendo que com os fatores Satisfação e Coesão não se associou, o que contradiz o estudo original de Doss & Christensen (2006).

No que se refere à validade divergente e sensibilidade do instrumento, o estudo original não realizou estas análises. As subescalas de aceitação não apresentaram correlações com a escala de estilos afetivos, demonstrando avaliar construtos diferentes, confirmando, deste modo, existir validade divergente (Coutinho, 2016). A sensibilidade das subescalas de aceitação e dos itens de aceitação demonstraram que a distribuição das respostas dos indivíduos não se encontra próxima das leis da curva gaussiana, dado a grande maioria dos valores de assimetria e de curtose não se situar no intervalo -0.5 a 0.5, sendo que os participantes pontuaram mais no extremo mais alto da escala (Coutinho, 2016; Freire e Almeida, 2008).

O alfa de Cronbach para os quatro fatores de aceitação (Afeto, Proximidade, Exigência e Violação) e excluindo cada item de aceitação indica níveis aceitáveis de consistência interna, tirando o fator violação, que apresentou um valor de alfa muito elevado. No estudo original (Doss & Christensen, 2006), o fator Violação apresenta valores mais baixos em relação aos outros fatores (pais: $\alpha = 0,63$; namorados: $\alpha = 0,62$; sem filhos: $\alpha = 0,63$) tornando-se um valor inaceitável segundo os critérios de Devellis,

apesar de a consistência interna do estudo original ter sido avaliada consoante o género e orientação sexual.

Ao comparar o género ao nível de aceitação, os resultados mostraram que não houve diferenças estatisticamente significativas. Doss e Christensen (2006), que fizeram esta comparação com amostras de casais casados, coabitantes, com ou sem filhos e casais de namorados, apenas em algumas amostras é que não obtiveram diferenças ao nível do género. As magnitudes das diferenças encontradas foram pequenas, mas revelaram que os homens casados/coabitantes aceitam mais os comportamentos positivos do que as mulheres, sendo que nos casais de namorados são as mulheres que aceitam mais. Os homens, no estudo original, indicaram que as mulheres apresentavam mais comportamentos de Proximidade e Exigência do que eles (Doss & Christensen, 2006; Eldridge & Christensen, 2002).

Limitações do estudo e sugestões para futuras investigações

O presente estudo apresentou algumas limitações. A primeira limitação centra-se na extensão do protocolo de avaliação, que pode ter levado ao número baixo de amostra e à desistência por parte de alguns participantes. A segunda limitação, decorrente do tamanho reduzido de amostra, é o facto de não ter sido viável realizar a análise fatorial do instrumento. Uma terceira limitação do estudo é o possível enviesamento das respostas dos participantes pelo processo de desiderabilidade social, devido ao facto de os instrumentos utilizados serem medidas de autorrelato. Por fim, a população LGBTQ + não foi considerada no estudo devido à participação de apenas seis indivíduos, um número inferior ao do estudo original, não sendo representativo desta população.

Sugere-se, para estudos futuros, a aplicação da FAPBI numa amostra mais alargada, devido à transculturalidade do país. Seria ainda pertinente realizar um estudo para comparar os níveis de aceitação e de frequência consoante vários tipos de relação, orientação sexual e parentalidade, com o intuito de comparar resultados com o estudo original.

Contributos do estudo no âmbito clínico

Apesar das limitações apresentadas, foram encontradas também vantagens no uso deste instrumento. Especificamente, o facto de o FAPBI apresentar duas escalas

separadas de aceitação e frequência do comportamento (cada uma com quatro fatores), o que se torna útil para perceber a relação entre elas, apresentando também vantagens ao nível clínico, pois permite identificar os comportamentos considerados problemáticos para o casal e para a relação, ajudando ao nível da prevenção e intervenção.

Por exemplo, ao criar-se programas de prevenção como o CARE (The Compassionate and Accepting Relationships through Empathy) e o COUPLE CARE, que ajudam os casais a criar relacionamentos mais fortes, através da psicoeducação com o uso da aceitação e empatia, com base na FABPI. Assim, previnem-se conflitos entre os membros do casal e promove-se a diminuição do risco de separação/divórcio, que tem sido um dos problemas que mais tem preocupado os investigadores na área das relações conjugais, pois conhece-se previamente os comportamentos que prejudicam não só o relacionamento como também a satisfação conjugal (Doss & Christensen, 2006; Halford, Moore, Wilson, Farrugia & Dyer, 2004; Rogge, Cobb, Johnson, Lawrence & Bradbury, 2002). Ao nível da intervenção, nomeadamente com o IBCT e o TBCT (Traditional Behavioral Couple Therapy), houve ganhos ao nível da mudança não só na aceitação, como no comportamento. As subescalas do instrumento mostraram ser preditoras de mudança com o tratamento, estando também relacionadas ao aumento de satisfação no início da terapia (Doss et. al, 2005; Doss & Christensen, 2006).

No caso da Terapia Comportamental Integrativa para Casais (IBCT), existe uma comparação ao nível do treino de comunicação, onde o clínico explora as diferentes reações tidas pelos parceiros a um certo comportamento ou mensagem, fazendo com que as mudanças no comportamento ocorram a longo prazo. Assim, a aceitação torna-se fundamental para este modelo, fazendo o casal aceitar os aspetos do seu companheiro que não podem ser alterados, alterando apenas os aspetos de si mesmos que podem ser modificados (Doss & Christensen, 2006; Fisher & Fink, 2014).

Em suma, a validação deste instrumento pode contribuir para novos estudos na área das relações conjugais, para uma melhor avaliação do construto de aceitação no relacionamento em relação à frequência dos comportamentos, bem como para uma melhor compreensão das vantagens da aceitação dos comportamentos ao nível da satisfação no relacionamento conjugal, visto que estes se encontram associados.

Referências

- Afonso, J.A. (2018). *Relação conjugal ao longo do ciclo de vida: satisfação, comunicação, motivação, coesão e adaptabilidade*. Tese de doutoramento. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal
Retirado a 12/03/2019 de <http://hdl.handle.net/10400.12/6846>
- Azevedo, T.M.L. (2018). *“Os Arquitetos da família”: rituais familiares, coesão familiar e satisfação conjugal em casais portugueses*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa, Portugal
Retirado a 12/03/2019 de <http://hdl.handle.net/10451/37110>
- Buyukcan-Tetik, A., Campbell, L., Finkenauer, C., Karremans, J. C., & Kappen, G. (2017). Ideal standards, acceptance, and relationship satisfaction: Latitudes of differential effects. *Frontiers in psychology*, Vol.8
- Cardoso, B., & Del Prette, Z. (2017). Habilidades sociais conjugais: uma revisão da literatura brasileira. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 19(2), 124-137.
Recuperado em <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v19i2.1036>
- Costa, C.B., Delatorre, M.Z., Wagner, A., & Mosmann, C.P. (2017). Terapia de Casal e Estratégias de Resolução de Conflito: Uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 208-223.
Recuperado em <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000622016>
- Coutinho, C. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina
- Doss, B. D., & Christensen, A. (2006). Acceptance in romantic relationships: The Frequency and Acceptability of Partner Behavior Inventory. *Psychological Assessment*, 18(3), 289-302.
Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1037/1040-3590.18.3.289>
- Doss, B. D., Thum, Y. M., Sevier, M., Atkins, D. C., & Christensen, A. (2005). Improving relationships: Mechanisms of change in couple therapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73(4), 624-633.
Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.73.4.624>

- Eldridge, K.A. & Christensen, A. (2002). Demand-withdraw communication during couple conflict: A review and analysis. In P. Noller & J.A. Feeney (Eds.), *Understanding marriage: Developments in the study of Couple Interaction* (pp. 289-322). New York: Cambridge University
- Retirado a 22/03/2019 em https://books.google.de/books?hl=pt-PT&lr=&id=fhQj-3RFIRgC&oi=fnd&pg=PA289&dq=Eldridge+e+Christensen,+2002&ots=0R7acmDPFN&sig=6eJlEQIEN7BdfbhtLh4VhLVgtl&redir_esc=y#v=onepage&q=Eldridge%20e%20Christensen%2C%202002&f=false
- Falconier, M. K., Jackson, J. B., Hilpert, P., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping and relationship satisfaction: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 42, 28–46.
- Recuperado em doi:10.1016/j.cpr.2015.07.002
- Fischer, D. J., & Fink, B. C. (2014). Clinical processes in behavioral couples therapy. *Psychotherapy*, 51(1), 11-14.
- Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1037/a0033823>
- Freire, T. & Almeida, L. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições
- Giaouzi, A. & Giovazolias, T. (2015). Remembered Parental Rejection and Social Anxiety: The Mediating Role of Partner Acceptance-rejection. *Springer Science + Business Media*. New York
- Recuperado em doi:10.1007/s10826-015-0120-z
- Goodboy, A.K. & Bolkan, S. (2011). Attachment and the use of negative relational maintenance behaviors in romantic relationships. *Communication research reports*, 28 (4), 327-336
- Halford, W.K., Moore, E., Wilson, K.L., Farrugia, C., & Dyer, C. (2004). Benefits of flexible delivery relationship education: An evaluation of the couple CARE program. *Family Relations*, 53(5), 469–476.
- Recuperado em doi:10.1111/j.0197-6664.2004.00055.x
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário*. Edições Sílabo, Lda.

- Hofmann, S. G., & Kashdan, T. B. (2009). The Affective Style Questionnaire: Development and Psychometric Properties. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 32(2), 255–263.
Recuperado em doi:10.1007/s10862-009-9142-4
- Hsueh, A. C., Morrison, K. R., & Doss, B. D. (2009). Qualitative reports of problems in cohabiting relationships: Comparisons to married and dating relationships. *Journal of Family Psychology*, 23(2), 236-246.
Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1037/a0015364>
- Jamieson, L. (1998). *Intimacy: Personal needs in modern societies*. Cambridge: Policy Press.
- Johnson, M. D., & Anderson, J. R. (2012). The longitudinal association of marital confidence, time spent together, and marital satisfaction. *Family Process*, 52(2), 244-256.
Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1111/j.1545-5300.2012.01417.x>
- Kappen, G., Karremans, J. C., Burk, W. J., & Buyukcan-Tetik, A. (2018). On the Association Between Mindfulness and Romantic Relationship Satisfaction: the Role of Partner Acceptance. *Mindfulness*, 1-14.
- Kashdan, T. B., Blalock, D. V., Young, K. C., Machell, K. A., Monfort, S. S., McKnight, P. E., & Ferssizidis, P. (2017). Personality strengths in romantic relationships: Measuring perceptions of benefits and costs and their impact on personal and relational well-being. *Psychological Assessment*. Advance online publication.
Recuperado em <http://dx.doi.org/10.1037/pas0000464>
- Kline, P. (2000). *The Handbook of Psychological Testing*. London: Routledge
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística Com utilização do SPSS*. Edições Sílabo

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de psicologia*, 65-90. Retirado a 27/02/2019 em <http://hdl.handle.net/10400.12/133>

Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: NY: McGraw-Hill

Narciso, I. & Costa, M. E. (2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal: Fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181-195.

Narciso, I. & Ribeiro, M. T. (2009). *Qualidade e satisfação conjugal*. In I. Narciso, & M. T. Ribeiro (Eds.) *Olhares sobre a conjugalidade*, (pp. 59-64). Lisboa: Coisas de Ler.

Pereira, M., Moura-Ramos, M., Narciso, I. & Canavarro, M.C. (2017, Julho). *Psychometric properties of the Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS) in a sample of couples: Testing the factorial invariance across gender*. Comunicação oral apresentada na 14º European Conference on Psychological Assessment (ECPA), Lisboa.

Pereira, M., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (ongoing psychometric studies). Psychometric properties of the Revised Dyadic Adjustment Scale (RDAS) in a community sample of couples.

Rogge, R. D., Cobb, R. M., Johnson, M., Lawrence, E., & Bradbury, T. N. (2002). The CARE program: A preventive approach to marital intervention. In A. S. Gurman & N. S. Jacobson (Eds.), *Clinical handbook of couple therapy* (pp. 420-435). New York, NY, US: The Guilford Press.

Santos, P.L. (2018). *Terapias Comportamentais de Terceira geração: Disseminação aos falantes de língua portuguesa, validade transcultural e aplicabilidade no Brasil*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra, Portugal.

Retirado a 09/03/2019 de
<http://hdl.handle.net/10316/83587>

South, S., Doss, B., & Christensen, A. (2010). Through the eyes of the beholder: The mediating role of relationship acceptance in the impact of partner behavior. *Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*, 59, 611-622.
Recuperado em **doi:** 10.1111/j.1741-3729.2010.00627.x

Stone, E., & Shackelford, T. (2007). Marital Satisfaction. In R. F. Baumeister & K. D. Vohs (Eds.), *Encyclopedia of Social Psychology* (pp. 541-545). Thousand Oaks, CA: Sage.
Recuperado em doi: 10.4135/9781412956253.n323

Vedes, A.M., Lind, W. & Lourenço, M. (2011). Fundamentos para o desenho de estratégias de prevenção para a promoção da satisfação e da resiliência conjugal. *Psicologia*, 25(1), 91-112

Wadsworth, M. E., & Markman, H. J. (2012). Where's the Action? Understanding What Works and Why in Relationship Education. *Behavior Therapy*, 43(1), 99-112.
Recuperado em <https://doi.org/10.1016/j.beth.2011.01.006>

Zhang, C-Q., Leeming, E., Smith, P., Chung, P-K., Hagger, M.S. and Hayes, S.C. (2018) Acceptance and Commitment Therapy for Health Behavior Change: A Contextually-Driven Approach. *Front. Psychol.* 8:235
Recuperado em doi: 10.3389/fpsyg.2017.02350

ANEXOS

Anexo I

Consentimento Informado

(In)adaptação na conjugalidade: Avaliação e identificação de preditores

Este estudo está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa). O projeto é coordenado pela Professora Bárbara Nazaré.

O que se pretende com este estudo?

É frequente que as pessoas sintam algumas dificuldades nas suas relações amorosas. Com este estudo, pretendemos conhecer melhor a vivência de adultos portugueses envolvidos numa relação amorosa. Deste modo, poderemos desenvolver ações de prevenção ou intervenção, com o objetivo de apoiar os casais que tenham dificuldades acentuadas.

Quem pode participar no estudo?

Todas as pessoas com 18 anos ou mais, de nacionalidade portuguesa e residentes em Portugal, que tenham atualmente uma relação amorosa (namoro, união de facto, casamento).

Em que consiste a participação no estudo?

Trata-se de uma participação voluntária, que consiste no preenchimento de questionários sobre a relação amorosa e algumas características suas (por exemplo, como lida com as suas emoções). Esta tarefa dura cerca de 30 minutos. A participação no estudo não comporta custos nem é recompensada monetariamente. O único risco que pode advir da sua participação consiste na possibilidade de sentir emoções como tristeza ou ansiedade, relacionadas com o tópico do estudo. Se tal se verificar, poderá entrar em contacto com a investigadora responsável (Bárbara Nazaré: barbara.nazare@ulusofona.pt), que, se necessário, poderá orientá-lo/a para acompanhamento psicológico.

Que direitos têm os participantes?

Os participantes têm o direito de recusar participar no estudo. Caso aceitem participar, poderão desistir do estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificar a sua decisão. A eventual desistência não terá consequências negativas.

Como é que os dados recolhidos serão utilizados?

Toda a informação recolhida será anónima e confidencial. Não será recolhida informação que permita identificar os participantes. Os dados obtidos serão destinados apenas a tratamento estatístico e analisados em grupo.

Como poderei entrar em contacto com a investigadora?

Através de email: barbara.nazare@ulusofona.pt (Bárbara Nazaré). Poderá contactar caso pretenda mais informações sobre o estudo.